

a ocupação do odeón

julian beck

São Paulo, Brasil, 19 de agosto de 1970

parte I

Ocupar o Odeón foi importante simplesmente porque este era *Le Théâtre de France*, onde o governo permitiu que a Companhia de Barrault-Renaud montasse Beckett, Adamov, Ionesco e Genet. Genet! Os estudantes e seus camaradas se recusavam, em maio de 1968, a conceder ao governo o privilégio de vangloriar-se e enaltecer o público, fazendo-o crer que o Estado amparava uma respeitável arte de vanguarda contra o sistema. Qualquer arte amparada pelo *establishment* é ao mesmo tempo explorada por ele; qualquer arte amparada pelo *establishment* já foi infectada. Tal é o poder dos germes da corrupção. Estamos lutando contra uma praga. A ocupação do Odeón é uma tentativa de ocupar um dos mecanismos de cooptação.

Foi importante encontrar um instrumento vivo para mostrar que sabemos que qualquer forma de arte feita

Julian Beck foi inventor, junto com Judith Malina, do Living Theatre, grupo de teatro anarquista fundado em 1947.



A ocupação do Odeón

para o privilégio de uma classe (aqueles que podem pagar por ela) funciona contra as outras classes. Nós nos recusamos a conceder à burguesia o privilégio de poder aguçar seu entendimento sobre Genet e Beckett às custas dos pobres, privados de uma alimentação apropriada ao desenvolvimento biologicamente adequado do cérebro, assim como de suas necessidades sociais e culturais básicas.

Foi importante dizer que os teatros — mesmo os melhores deles — poderiam estar a serviço do povo, onde o povo se reuniria não para assistir à atuação da vida mítica de seus superiores, mas para desempenhar ritualmente o teatro da revolução. Cada espectador participaria, planejando e criando as mudanças revolucionárias que poderiam modificar o seu universo.

Um teatro para as pessoas nas ruas é mais significativo do que um teatro para abrigar Shakespeare, Claudel, Gide e Genet. Todo poder ao povo.

O que aconteceu naquela noite de 15 de maio de 1968, no interior do teatro Odeón, foi a coisa mais bonita que eu já vi em um teatro.

A ocupação do Odeón possuiu todos os elementos do grande teatro: um elenco de personagens vigorosas; grandes tiradas poéticas; conflitos de ideias; confronto entre ideologias potentes; uma realidade que ultrapassava a capacidade inventiva de dramaturgos; a emergência do povo como herói; e o final, com a invasão da polícia um mês depois, como uma complicada tragédia. Trágica como toda a história da França em maio, como a Espanha, como Kronstadt, como todas as grandes tragédias anarquistas.

A essência da tragédia: no momento em que o herói



descobre tudo, o ele e o ela de si mesmo, o dentro e o fora,
a verdade, no momento em que ele está pronto para viver,
para agir, ele morre apunhalado pela civilização, vítima
desnecessária de nosso destino artificial.

parte II

em uma revolução acovardada toma-se o cabaret *folies
bergère*

e nele se desempenha Ionesco

em um golpe de estado fascista a *comédie française* não
pode apresentar

nem *antígona* ou *as bacantes*

em uma revolução socialista na França, as
experimentações de

barrault seriam encorajadas, porque significariam
prestígio dentro e fora de casa

mas uma posição política deve ser sempre velada

no entanto, o que acontecia na França em maio de 1968

não era uma revolução contra o stalinismo

era uma revolução contra o capital

e suas poses benfazejas

A Revolta Francesa de 68 agitou a todos, pois o ídolo
do mais fino exemplar do capitalismo-Ocidente-França
(mais fino que os Estados Unidos, porque mais “culto”)



A ocupação do Odeón

estava sendo contestado por seus próprios cidadãos. Seu próprio povo estava gritando e estava agindo. Eles estavam dizendo:

nós queremos o milagre: o paraíso agora!

e eles sonharam que isso aconteceria

e eles tentaram fazer o sonho existir...

11.000.000 de trabalhadores em greve em um país de 50.000.000 de habitantes, e era claro que para todos aqueles em greve, havia duas ou três pessoas simpatizantes a mais — mais da metade do país estava alterada, realmente alterada pela ideia de que o milagre dos milagres iria acontecer: que, ao final, a vida de injustiça e degradação se tornaria passado e uma nova fase do desenvolvimento humano começaria.

Com muito pesar, todos vieram a saber que nós, o povo, não estávamos preparados. Mas todos, incluindo a polícia e os ministros, deixaram-nos seguir enquanto puderam, pois cada inconsciente humano queria que o *deus-ex-machina*, o impossível, chegasse; que uma França despreparada pudesse, de repente, despir-se do capitalismo, esquivando-se das doenças nefastas do Socialismo de Estado, e se tornar uma sociedade de produção comunitária em que todos poderiam dar e receber de acordo com suas possibilidades e necessidades.

O teatro daquela primavera na França foi a coisa mais elevada e inebriante que o povo francês deste século já



experimentou: eles estavam atuando, atuando em grandes papéis.

Isso era claro no Odeón. A peça estava no auditório, não no palco, mas no teatro onde os espectadores se tornaram protagonistas e atuavam na Tribuna da Revolução, uma grande obra em 30 dias. Cada discurso terrível que durava meia hora de escuta entediante era mais importante na história dos espíritos imortais e corpos mortais do que as celebradas grandes tiradas de Racine e Corneille.

Estes dramas foram escritos no Livro da Vida. Amém.

A interpretação de papéis: todos estavam em transe e neste transe atuavam em uma peça divina de sagrada autoria, vertiginosamente levados à sua própria liberação. Os elementos teatrais na cultura forneciam padrões para a ação, grande improvisação. A vida se tornou importante, e cada momento vivo, intenso. Não um cansado teatro bacante, mas lá para cima, para além do ritual de morte.

Tradução do inglês por Eliane K. Carvalho e revisão técnica de Beatriz Scigliano Carneiro.



verve

A ocupação do Odeón

Resumo

Breve texto retirado do diário de Julian Beck, no qual, o anarquista descreve os efeitos liberadores da ocupação do Teatro Odeón, em Paris, 1968, associando-a a experiências revolucionárias da história do anarquismo.

Palavras-chave: anarquismo, maio de 1968, resistências.

Abstract

A brief text by Julian Beck in which the anarchist recall the liberation effects from the occupation of the Odeon Theatre in Paris, during the 1968's upheaval, linking it to the anarchist historical revolutionary experiences.

Keyword: anarchism, May 1968, resistances.

The Odeon Occupation, Julian Beck.

Recebido em 30 de julho de 2016. Confirmado para publicação em 15 de setembro de 2016.

